

A LINGUÍSTICA APLICADA E OS DESAFIOS DO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA

Acassia dos Anjos Santos¹

Resumo

Este artigo apresenta um estudo sobre a importância da Linguística Aplicada no ensino de língua espanhola a partir da valorização da interdisciplinaridade desse campo teórico. Nessa perspectiva, aproximamos os estudos de LA da multiplicidade dos Estudos Culturais. Para isso, investigamos como essa forma de pensar o ensino de línguas auxilia a construção de leitor crítico nas aulas de língua estrangeira. Metodologicamente, exploramos a quebra dos muros disciplinares do ensino de língua propostos por Moita Lopes e Marcia Paraquett. Dessa forma, sugeriremos a ênfase no viés cultural para a construção de leitores críticos nas aulas de língua espanhola.

Palavras-chave: Leitura, Ensino de Língua Espanhola, Interdisciplinaridade.

Resumen

En este trabajo se presenta un estudio sobre la importancia de la Lingüística Aplicada en la enseñanza de la lengua española por medio de la apreciación de la interdisciplinaridad. Desde esta perspectiva, se acercó al estudio de la diversidad de los Estudios Culturales. Para ello, investigamos cómo esta forma de pensar acerca de la enseñanza de lenguas ayuda a construir lector crítico en las clases de lenguas extranjeras. Metodológicamente, se explora la ruptura de las barreras disciplinaria propuesta por Moita Lopes y Paraquett Marcia. Por lo tanto, vamos a sugerir el énfasis en la tendencia cultural a la construcción de lectores críticos en las clases de español.

Palabras clave: Lectura, Enseñanza de la Lengua Española, Interdisciplinaridad.

¹ Mestranda do PPGL da UFS, pesquisadora vinculada aos estudos do ensino de língua espanhola e a produção de material didático.

A leitura nas aulas de língua estrangeira coloca o leitor de língua materna em contato direto com a cultura que sustenta língua estudada. Essa experiência vai muito além da aprendizagem de novas palavras e estruturas gramaticais, pois exige do leitor um processo de comparação entre diferentes formas de comunicação. Nesse processo de aquisição de uma segunda língua, o espaço da leitura ganha uma dimensão pedagógica fundamental para a aprendizagem do novo idioma, pois diferentes elementos culturais entram em jogo: como o nacional, o regional, o racial, de gênero, entre tantos outros.

Assim, pelo prisma da interdisciplinaridade pregada pela Lingüística Aplicada, este artigo analisa como questões culturais podem auxiliar o ensino de leitura nas aulas de língua espanhola. Nessa perspectiva, aproximamos a dinâmica da Linguística Aplicada (LA) da versatilidade dos Estudos Culturais. Com essa perspectiva de quebra de fronteiras, ressaltamos as diferenças e a valorização da cultura como parte fundamental do ensino de língua estrangeira. Na primeira parte deste artigo, retomamos alguns pontos do desenvolvimento da LA; na segunda, articulamos a importância de uma abordagem cultural para o ensino de leitura.

As Orientações Curriculares Nacionais (OCEM), na parte voltada para o espanhol, mostram-nos que o aluno não está sozinho no mundo e que o contato com o outro para constituir sua identidade é fundamental: “Levar o estudante a ver-se e constituir-se como sujeito a partir do contato e da exposição ao outro, à diferença ao reconhecimento da diversidade” (BRASIL, 2006b, p. 133). Não é por qualquer motivo que a OCEM está tão preocupada com a diversidade no ensino do espanhol, visto que por muito tempo a variante privilegiada na escola brasileira foi o espanhol peninsular. Assim, o reconhecimento da diversidade cultural e linguística da língua espanhola é parte de um ensino crítico que valoriza abordagem plural com a valorização das variantes latino-americana, como nos sugere Marcia Paraquett: “Vale preguntar entonces, ¿de qué español estoy hablando? Seguramente, de un espacio cultural múltiple, complejo, híbrido y en constante transformación; un espacio cultural donde me ubico como brasileña” (2009, p. 12).

Nesse sentido, a LA nos ajuda a diversificar as formas de ensino de língua espanhola por meio de uma abordagem múltipla que prima pela interdisciplinaridade. A

LA é dinâmica e incorpora o debate cultural como um das interfaces do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Para Moita Lopes, a linguagem é uma questão central em LA que procura as possíveis soluções para problemas sociais. Esse campo teórico utiliza variadas abordagens disciplinares para atingir seus objetivos como, por exemplo, antropologia, estudos culturais, psicologia, educação, história. Para melhor entendermos esse caráter híbrido, vamos abordar as principais questões que norteiam esse campo teórico.

A LA é uma ciência de caráter inovador que sofreu algumas mudanças desde seu surgimento até os dias atuais. Por conta disso, seus teóricos necessitam por vezes, se explicarem para desfazer mitos que acompanham suas práticas. Para Moita Lopes, a LA é uma ciência que está bem resolvida para os linguístas aplicados, contudo muitos outros pesquisadores que não estão envolvidos diretamente com ela não têm a certeza quanto a isso. Esse fato pode ocorrer por conta do termo LA ser confundido com aplicação da linguística, o que não ocorre mais hoje. De forma diversificada, a busca das resoluções das situações de conflitos não advém apenas com teorias estritamente linguísticas. Ela recebe influência das mais diversas áreas das ciências sociais. Tal peculiaridade se aproxima das abordagens dos estudos culturais, quanto ao seu caráter interdisciplinar, como veremos na segunda parte deste artigo.

Para Almeida Filho, o surgimento da LA ocorre por volta de 1940 com objetivo de acompanhar a evolução do ensino de línguas durante a 2ª Guerra mundial nos Estados Unidos. Em contrapartida, no Brasil, havia o predomínio de um nacionalismo que dificultava a prática das línguas estrangeiras. Essa particularidade não contribuiu para a valorização das pesquisas sobre o ensino de língua estrangeira. Assim, a Linguística Geral foi utilizada para a realização de toda uma tradição de trabalhos em LA, pois “como se tratava de ensino-aprendizagem de línguas, pareceu correto e natural a princípio utilizar os resultados da pesquisa científica e prestigiosa da Linguística Geral nos anos 50 e 60” (ALMEIDA FILHO, 2007, p. 13).

Nessa época, a LA era vista como apenas a aplicação das teorias linguísticas, assim era considerada uma subárea dos estudos linguísticos. A Linguística era uma área de maior abrangência, enquanto a LA um sub-ramo desses estudos. Atualmente, a LA

inverteu essa situação, pois passou a ser uma área mais abrangente em relação às outras áreas de conhecimento, não estando mais submissa à Linguística. Outra polêmica nos estudos em LA é quanto à sua abrangência e temas de enfoque, de acordo com Moita Lopes, no início a LA somente era aplicada às línguas estrangeiras com enfoque na tradução destas línguas, dessa forma, ocorria a chamada aplicação da linguística e não a Linguística Aplicada.

Por isso, a LA inicia um processo de redefinições de suas teorias, esse início de mudanças ocorre, no Brasil, em 1978, com o encontro da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), cujos teóricos uniram informações sobre as necessidades diferenciadas da sala de aula. Nesse encontro parece claro que os linguístas aplicados percebem que apenas as teorias linguísticas não eram suficientes para responder a todos os problemas e situações vividas nas aulas de línguas. A partir dessas constatações, começa as chamadas *viradas* das teorias em LA que agregam disciplinas que vão além dos estudos linguísticos. As mudanças no campo da LA também foram influenciadas pelo processo de mudança paradigmática, quando percebemos a importância da conexão de conhecimentos numa rede complexa e relacional.

Para Moita Lopes, por volta da década de 80, a LA sofre duas viradas, que não ocorrem inesperadamente, mas são frutos de anos de estudos e observações de linguístas aplicados pioneiros na área. Para o mesmo autor, houve a necessidade de separação entre essas duas ciências, fato que exige novas teorias e novas buscas e também a restrição dos estudos a contextos educacionais. Todavia, não se descarta totalmente as teorias linguísticas, é interessante que as utilizemos, porém em união com teorias educacionais e mais próximas ao aprendiz para que cada teoria tenha sentido para situações práticas do cotidiano escolar, proporcionando espaço para a inserção de teorias de outros campos científicos. Vale ressaltar, que nessa época os estudos em LA eram predominantemente em língua inglesa, o que destaca o colonialismo originado dos países que falam inglês, principalmente Estados Unidos e Inglaterra.

A segunda virada ocorre quando há a abertura para se trabalhar em outras áreas que não estejam restritas a trabalhar contextos de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras e tradução, predominantemente o inglês. Essa virada permite que a pesquisa

se estenda para língua materna, para o campo do letramento e de outras disciplinas do currículo. Agora teorias de Vygotsky e Bakhtin são trazidas para a LA e a linguagem passa a ser “instrumento de construção do conhecimento e da vida social, recuperados em muitas áreas de investigação. Essa mudança passa a ser bem perceptível no Brasil a partir dos anos 90” (MOITA LOPES, p. 18, 2009). Nessa época, as pesquisas em LA estavam mais voltadas à melhoria social do aluno. Tal perspectiva também é defendida por Almeida Filho ao afirmar que a LA leva para as aulas problemas relacionados à prática social. A partir daí, a LA ganha destaque e muitos trabalhos são baseados em diferentes teorias e distintos temas, alguns destes de interesses as LA são: raça, cultura, religião, sexo, identidade, política, entre outros:

Estamos diante de uma formulação de LA bem distante daquela centrada num ensino e aprendizagem de inglês e que, ao começar a se espalhar para outros contextos, aumenta consideravelmente seus tópicos de investigação, assim como o apelo de natureza interdisciplinar para teorizá-los. Mas, no final do século XX e no início do século XXI, as mudanças tecnológicas, culturais, econômicas e históricas vivenciadas iniciam um processo de ebulição nas Ciências Sociais e nas Humanidades, que começam a chegar a LA. (MOITA LOPES, 2009, p. 18)

Nessa direção, a interdisciplinaridade ganha força nos estudos em LA, e novas metodologias e teorias eram necessárias para suprir tais demandas de investigações. Assim, nos anos 80 também, surgem algumas teorias metodológicas do ensino de línguas que se propõem a cumprir as novas necessidades da LA. Essas novas teorias não se limitam a elas mesmas, pois exploram abordagens de história, estudos culturais, geografia, filosofia, política, economia, sociologia, entre outros. Tudo isso para que possamos compreender melhor toda a sociedade que envolve a escola e os alunos para alcançar aulas dinâmicas, interativas que levam o aprendiz a compreender o idioma que aprende, muito além da gramática e toda sua estrutura formal e fixa. Essas mudanças ocorridas internamente no campo da LA também são reflexo das mudanças epistemológicas ocorridas no paradigma científico em geral.

Essa nova LA, com características tão distintas daquela LA iniciada nos anos 40, adquire novas configurações e novas necessidades teóricas, dessa forma, chegamos a uma LA que busca ressaltar do mundo em que vivemos e ganha muitos adjetivos, dentre

os quais estão: indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), antidisciplinar ou transgressiva (PENNYCOOK, 2006), Crítica (RAJAGOPALAN, 2006). Todos esses conceitos estão agrupados no livro organizado por Moita Lopes denominado *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. Os adjetivos atribuídos à LA são para ressaltar os novos conceitos propostos por tal ciência. Vejamos agora porque Moita Lopes utiliza a nomenclatura indisciplinar para o título de seu livro:

Ela é indisciplinar tanto no sentido de que reconhece a necessidade de não se constituir como disciplina, mas como uma área mestiça e nômade, e principalmente porque deseja ousar pensar de forma diferente, para além de paradigmas consagrados, que se mostram inúteis e que precisam ser desaprendidos (...) para compreender o mundo atual. (MOITA LOPES, 2009, p. 19)

A partir dessa terceira etapa dos estudos de LA, identificamos uma sintonia com a dinâmica social contemporânea. Moita Lopes faz uma análise do conceito de LA, revelando essa ciência sobre diferentes visões. Rajagopalan, por exemplo, é um dos escritores do livro eerce críticas à linguística dita ‘normal’, por essa não se preocupar com as questões sociais. Esse autor defende que os teóricos da LA devem “repensar o próprio lugar da teoria e não continuar esperando em vão que seu colega ‘teórico’ lhe forneça algo pronto e acabado, pronto para ser ‘aplicado’” (2006, p. 165). Para ele, as práticas sociais podem informar a teoria e não ao contrário. É uma teoria bastante exigente, na qual não se admite estudos que não tragam benefícios sociais para a população em geral e especificamente a que está sendo investigada.

Em contrapartida, outros estudiosos que compõem o livro, acreditam que existe sim espaço para todos, sejam linguístas ou linguístas aplicados; cada um exercendo sua função com objetivos diferentes. Com isso, a diversidade metodológica da LA não fixa conceitos, pelo contrário quebra as normas por ser mestiça, crítica, híbrida, anormal, pós-moderna, pós-colonial, transgressiva, antidisciplinar, ou indisciplinar. Essa concepção múltipla de uma LA indisciplinar levanta uma concepção pós-estruturalista onde não existe apenas uma maneira correta de se interpretar certos conceitos, mas tudo depende também do contexto e do indivíduo, ou seja, o ensino não é fechado.

Diante de tantas possibilidades, Meneses, Almeida Filho e Moita Lopes defendem que a LA surge para realizar pesquisas relacionadas ao uso da linguagem no mundo real e não simplesmente para a aplicação da linguística, embora a LA tenha se utilizado bastante da Linguística para o cumprimento dos seus estudos. Os três autores corroboram para o fato que hoje a LA está voltada para o ensino e aprendizagem de línguas por conta das necessidades escolares, porém essa área pode se ocupar também de outros contextos sociais, que não seja apenas o da sala de aula.

Muitos temas estudados hoje em LA são bastante polêmicos, pois alguns unem e outros dividem opiniões dos pesquisadores o que faz parte da área da LA fervilhante. Para Meneses, a LA é uma ciência em crescimento, pois na medida em que não se chega a um consenso, mais pesquisas surgem e ela progride. As características atribuídas à LA como indisciplinar, híbrida, pós-moderna, entre outras, nos aponta a quebra de fronteiras e de limites nessas pesquisas.

Para que acompanhem as mudanças em LA propostas por Moita Lopes, por exemplo, precisamos refletir sobre alguns aspectos em LA. Primeiro necessitamos re teorizar o sujeito social em sua heterogeneidade, isto é, não atribuir estereótipos acerca do que é o sujeito social. Nessa dinâmica política, precisamos compreender as peculiaridades dos indivíduos, dando voz aos silenciados: mulheres, negros, gays, deixando-os falar e não lhes atribuindo características preconceituosas. Essa postura politizada também é defendida e corroborada pelos Estudos Culturais. Outro aspecto relevante para as pesquisas em LA é reconhecer em que práticas discursivas tal sujeito é construído, considerando que os discursos podem ser cambiantes e mutáveis a qualquer momento dependendo de cada situação que se encontra o sujeito.

Como visto até aqui, a LA configura-se em um campo aberto para a resolução de problemas do mundo real e novas formas e possibilidades de estudos surgem. Assim, trabalhar interdisciplinarmente é um desafio presente no mundo pós-moderno, onde os muros entre as disciplinas são diluídos e cada vez mais o pensamento ocorre relacionalmente e não apenas fragmentado como ocorria na época moderna. Sendo assim, corroboramos com os pensamentos de Moita Lopes que afirmam que “fazer ciência nesse campo pode ser uma forma de repensar a vida social” (2009, p. 23). Ouvir as vozes da

periferia é o que clamam muitas ciências como, por exemplo, os estudos culturais e a sociologia:

Arrisco-me a dizer que estamos caminhando para o aumento da diversidade temática, para o abandono das fronteiras entre as áreas, para o encontro mais fraterno com os colegas da linguística, mas, também, para o enfrentamento de divergências dentro da própria LA. (MENESES, 2009, p. 48)

Dessa maneira, aprender um idioma pelo viés dessa nova LA é aprender os costumes e particularidades do cotidiano dos habitantes dos diversos países. Essa aproximação da LA com questões culturais abrem novos leques de estudos para a valorização dos direitos humanos. Tal abordagem também faz parte da proposta dos Estudos Culturais que valorizam a multiplicidades de olhares para uma educação inclusiva: “Trata-se de uma experiência que contribui para o questionamento da educação formal e vai instalar nas pessoas uma rebelião disciplinar, uma vez que as disciplinas não devam contar das questões propostas pela educação dos adultos” (MARQUES, 1999, p. 61).

Os Estudos Culturais valorizam a abordagem política da cultura e apresentam-se como ‘estudos’ em movimento, passível a alterações, agregações e subtrações, algo bastante positivo em um mundo pós-moderno. Os Estudos Culturais são ressaltados por sua proposta de formação crítica do leitor. Esse fator é fundamental para o sucesso do ensino de língua estrangeira. Para os Estudos Culturais, a cultura em sala possibilita o trabalho com as identidades e suas diferenças. No caso das aulas de espanhol, nos interessa sua perspectiva híbrida de valorização não só das diferenças, mas também as questões orais e folclóricas de um povo, pois é interessante sua proposta de politização dessas diferenças e das diversas subjetividades que reconhecem o complexo, o diferente, e o outro (RESENDE, 2005, p. 257).

Assim, consideramos que os Estudos Culturais e a LA possuem um ponto de encontro, ambas consideram que a aprendizagem deve se dar pela interdisciplinaridade das abordagens pedagógicas. Tais teorias não se constituem em uma área fechada de estudos, mas sim são pautadas por movimentos transdisciplinares que atravessam

fronteiras, de tal modo esses estudos se utilizam de vários campos do saber para delinear um projeto. Essas teorias levam a educação a uma prática inovadora.

Assim, podemos dizer que a leitura interdisciplinar que tanto faz parte dessa nova LA também é articulada pelos Estudos Culturais. Esse ensino diversificado da língua espanhola constitui-se em um bom caminho para que possamos alcançar a formação de leitores críticos. A leitura interdisciplinar favorece o contato e a contribuição de várias ciências para a realização de nossas leituras em sala, assim não privilegiamos apenas aspectos linguísticos do texto, nem somente aspectos culturais.

Por esse motivo, a interdisciplinaridade pode ser um caminho seguido pelo professor que assumindo uma abordagem intercultural e interacionista auxilia seu aluno na prática de uma leitura crítica. Para os Estudos Culturais, a leitura interdisciplinar exige uma postura politizada por meio de um “exercício em que o leitor inclui questões de pertencimento identitário no roteiro de sua interpretação para identificar a camada ideológica explorada pelo autor” (GOMES, 2010, p. 29).

A língua e a cultura estão presentes no processo de leitura, pois são complementares, mais uma vez afirmamos que em sala de aula, língua e cultura também devem ser consideradas complementares para a aprendizagem do discente. De acordo com Paraquett, o ensino puramente de aspectos linguísticos não é suficiente para garantir a aprendizagem de um idioma, pois precisamos agregar às questões estruturais aspectos culturais, sociais e políticos para uma leitura crítica politizada e dinâmica.

Dessa forma, valorizamos a formação interdisciplinar do leitor crítico, na medida em que propõe o questionamento, influencia a o questionamento das representações culturais na língua materna e estrangeira. Nesse sentido, a diversidade dos Estudos Culturais pode auxiliar o ensino de leitura de língua espanhola, pois exige “o caráter inventivo e constitutivo da interdisciplinaridade: cabe a ela criar novos objetos de conhecimento.” (MARQUES, 1999, p. 63). Dessa forma, as múltiplas maneiras de observar os fatos permitem que o aluno em sua leitura crítica possa criar seu próprio conhecimento crítico a partir de diferentes contatos culturais, de forma mais abrangente, pois “As disciplinas humanistas deveriam ser objeto de um tratamento menos disciplinar e mais

livre, mais permeáveis ao emprego das novas possibilidades das memórias artificiais” por meio de outros paradigmas. (MARQUES, 1999, p. 64)

Nesse sentido, as leituras não se esgotam nas discussões e interpretações vistas em classe, elas acompanharão os estudantes em suas práticas diárias na medida em que tais leituras ajudarão na formação de cidadãos críticos e ativos na sociedade. Para Marques, a própria palavra *interdisciplinar* já carrega um prefixo que pressupõe uma mobilidade, um espaço de relações que se constitui em um entre lugar onde os saberes são forjados e impossibilitados do fechamento absoluto. Como já apontado antes, tanto os Estudos Culturais quanto a LA sugerem práticas pedagógicas inclusivas e atuais.

Dessa forma, a LA assume uma postura totalmente interdisciplinar, pois está bastante preocupada com problemas sociais da população, sem deixar de lado as questões do ensino-aprendizagem. Assim, fazer ciência pelo viés da Linguística Aplicada nos favorecerá a construção de uma abordagem diversificada da leitura na aula de espanhol, pois ela também quebra os estereótipos e reduções de interpretação impostas às aulas de língua estrangeira. Dessa maneira, a LA é uma ciência em consonância com as exigências do mundo pós-moderno e auxilia os professores no cumprimento do ensino educativo para a formação de leitores críticos e ativos. Como afirma Moita Lopes, precisamos de uma LA que dialogue entre os campos das humanas e das ciências sociais para que assim possamos compreender e contribuir para resolução de problemas sociais.

Nessa direção, passamos a comentar como a leitura faz parte da formação crítica do cidadão que ultrapassa a decodificação de palavras para produzir crítica social. Esse leitor real é um sujeito atuante na sociedade e sofre as mudanças sociais, ou seja, é um “leitor inserido na vida atual, em seu ritmo fonético de pesquisas, encontros, reuniões realizadas por videoconferências e celulares digitais de última geração” (TINOCO, 2010, p. 31). Assim vive o sujeito pós-moderno e os estudantes estão envolvidos nesse mundo de tecnologias e inovações. Aqui vale ressaltar que nossa leitura não se centra somente no texto escrito, ela ultrapassa essa barreira e segue os conceitos de letramento crítico defendido pelas OCEM de línguas estrangeiras: “No que concerne à leitura, contempla pedagogicamente suas várias modalidades: a visual (mídia, cinema), a informática (digital), a multicultural e a crítica (presente em todas as modalidades)” (BRASIL, 2006a, p. 98).

Nesse viés, vale a pena retomarmos o pensamento de Freire, que fez de suas teorias uma verdadeira lição de amor a sua profissão. Ele propõe a leitura de mundo que ao contrário da leitura tradicional nos oferece uma teoria de inclusão social bastante relevante para o aprendiz. Para Freire, a leitura é abordada muitas vezes em sala de aula associada à alfabetização tradicional e se resume apenas nas aulas de língua portuguesa, dessa forma, o aluno aprende o b-a, ba e já seria ‘alfabetizado’. Tinoco corrobora com essa perspectiva ao ampliar esse pensamento quando afirmar que “a escola exige a leitura sem se preocupar com as deficiências e necessidades do leitor e dela própria” (2010, p. 40). Por isso, consideramos que o processo de formação de leitores ultrapassa a decodificação de letras em sílabas, sendo considerado um processo longo e contínuo que exige dedicação e profundo conhecimento dos conteúdos por parte dos docentes para que possam estimular leituras críticas e significativas para seus alunos, através de diversos textos dos mais variados gêneros e tipos.

Freire considera que a leitura deve surgir de palavras e significados que os estudantes possam alcançar elevados níveis de leitura. Vale ressaltar que a leitura crítica não deve ser realizada apenas com conhecimento de mundo dos estudantes é imprescindível o conhecimento linguístico, textual e cultural, pois sem esses conhecimentos a interpretação pode destoar bastante das ideias centrais dos estudos dos gêneros textuais que contribuem diretamente nessa prática de leitores críticos. O desejo pela leitura deve ser instigado cada vez mais, sem restrições, dando voz aos alunos na medida em que podem opinar acerca de quaisquer temas, pois “quem aprende a ler assim não se contenta em ler ‘para saber onde a gente pode entrar e onde não pode entrar’. Aprende a ler os avessos, descobre a transgressão.” (CHIAPPINI, 2005, p. 167).

Um caminho apontado por Chiappini para uma leitura transgressiva é a leitura ao avesso do livro didático. Isso significa ler o livro apontando seus erros e falhas para que o aluno perceba que o livro não é a única e verdadeira voz em sala. Assim, percebe-se como o livro assume importante papel: se é tido como verdade os alunos não o questionarão, porém se o livro é apontado por suas falhas, a dúvida é lançada aos estudantes. Nesse sentido, a dúvida e a incerteza são um grande passo para a formação crítica do leitor, já que permitem a busca das vantagens e desvantagens do material

didático. Com isso, entendemos que não existe apenas um paradigma da verdade complexas, talvez contrárias e conseqüentemente cada texto poderá ter verdades diferentes, podemos investigar diferentes gêneros como a literatura, a historiografia ou a ciência para estabelecer o que é a verdade.

O conhecimento através da leitura crítica nos auxilia nesse reconhecimento, compreensão e aceitação de diferentes verdades textuais, podemos alcançar tal objetivo por meio de um longo trabalho de reflexão e crítica realizados entre alunos e professores e não um conhecimento pronto e único muitas vezes trazidas pelos livros didáticos. Chiappini defende que para a construção de sentido do texto é necessário uma relação entre autor-texto-leitor e que sejam construídas leituras adequadas aos elementos textuais apontados pelo autor e pela situação em que o texto se apresenta ao leitor. Para Chiappini a leitura adquire um papel de nova experiência para o estudante, “que ele (o estudante) vai viver e transformar, transformando-se, na medida mesma em que incorpora sua essencial novidade a seu mundo de vivências” (2005, p. 140). Considera-se que essa leitura que renova contribui para nosso leitor que pretendemos formar: o leitor crítico.

Freire também propõe que: “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (2009, p. 11). Isto é, por meio da leitura podemos conhecer e relacionar nossas experiências com a experiência do outro. Dessa maneira, a linguagem, que também utilizamos nos textos, auxilia na formação dos estudantes e sua construção crítica da língua, bem como a construção de identidades destes. Consoante com essas teorias, consideramos que para se realizar um trabalho de leitura crítica em salas de língua estrangeira, é necessário a quebra de estereótipos e o aprofundamento na visão cultural do outro, sabendo que cada cultura possui seu espaço não sendo uma superior a outra: “Contamos ya con interesantes estudios generales sobre la problemática de las relaciones entre ‘Nosotros’ y ‘Los otros’ y en torno de su influencia en la identidad de ambas partes, porque es parcialmente cierto que dicha identidad se construye en su relación dialéctica” (OLÁBARRI, 1996, p. 165).

Percebemos o lugar importante que o confronto de ideias e culturas diferentes pode assumir em sala de aula para a formação de leitores críticos. Essa postura perpassa o simples ato de decodificação de palavras, pois se pretende a educação e formação de um

leitor crítico e consciente, para isso a prática de leitura em sala de aula é uma prática diária e repleta de conhecimentos, que considera as relações pessoais e sociais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) orientam tais práticas ao ilustrar a ideia da câmera fotográfica percebemos a leitura como algo focado, restrito, porém cada vez que utilizamos, podemos ampliar as lentes da câmera e alcançar conhecimentos antes distantes de nós. Essa ampliação do conhecimento de leitura deve permanecer ao longo do cotidiano escolar, pois a leitura nos proporciona o conhecimento de muitos caminhos e ampliamos nossos horizontes diante das relações sociais.

Nessa perspectiva, percebemos que o leitor constrói o significado do texto, sendo este leitor ativo e protagonista do processo de leitura em sala de aula, com isso, a importância do processo de leitura na escola consiste em formar o aluno para o mundo, pois o significado do texto só se completa, mediante a interação com o seu leitor. As OCEM de línguas estrangeiras ampliam o conceito de leitura e também o dessa interação, ao observarem os avanços tecnológicos do mundo pós-moderno, considerando as novas formas de ler não somente em livros ou páginas impressas, mas também toda revolução e interatividade que a internet carrega, nesse sentido:

O conceito de “leitura”, portanto, passa a ser primordialmente o exercício de uma opção de trajetória pela página e a subsequente aquisição seletiva de informações parciais presentes em diversos locais na mesma página. Dessa maneira, não há necessidade de ler tudo na página, ou de ler a página num único sentido (de cima para baixo ou da esquerda para a direita) (BRASIL, 2006a, p. 105).

Assim a leitura, passa a interagir com outras habilidades, não somente ler, falar, ouvir e escrever, mas segundo esse documento podemos falar em letramento visual, letramento digital. Compreendemos melhor a complexidade que envolve o letramento crítico sugerido pelas OCEM e consideramos o enriquecimento intelectual que este possa trazer para sala de aula, por isso defendemos a utilização desses conceitos também para a formação do leitor crítico. Esse tipo de formação do leitor busca preparar o aluno para o agora, isto é, atuar no meio em que vive criticamente e não esperar para realizar essa leitura apenas no futuro.

Nessa perspectiva, a aproximação da LA com os Estudos Culturais fortalecem a dimensão cultural das aulas de leitura. Com esse olhar politizado, os desafios do ensino de língua espanhola vão além da repetição de frases, quando passam a ser visto como uma prática de formação de leitores para a sociedade. Assim, nosso maior desafio é ultrapassar as barreiras da língua estrangeira para um mergulho crítico na cultura dos povos que falam espanhol. Dessa forma, valorizamos a formação de leitores capazes não só de se comunicar em outro idioma, mas também de construir uma visão crítica dos textos lidos. A partir da perspectiva de Paraquett, acreditamos que o ensino puramente de aspectos linguísticos não garanta a aprendizagem de um idioma, visto que o leitor precisa de elementos externos ao campo linguístico: culturais, sociais e políticos para a produção de uma leitura crítica.

Dessa forma, a leitura nas aulas de língua espanhola pode seguir o prisma da interdisciplinaridade proposta pela LA e pelos Estudos Culturais no que se refere à formação do leitor. Portanto, o leitor crítico estará em um intenso movimento de identidades na medida em que possui uma relação entre seu eu e o costume e crenças de vários outros indivíduos. O contato com o diferente por meio da constante prática da leitura proporciona que esse leitor amplie seus horizontes de interpretação dos textos em língua estrangeira. Para isso, ele precisa incluir/excluir “posições de pertencimento identitário para chegar a um ponto de referência central do texto” (GOMES, 2010, p. 32). Esse movimento de inclusões e exclusões faz parte da construção de identidade do estudante atual, bem como alcança nossa meta de formação de leitores críticos capazes de continuarem o exercício de leitura crítica fora do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, José Paes de. **Linguística Aplicada, ensino de línguas e comunicação**. 2ªed. Campinas: Pontes editores e ArteLíngua, 2007.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio: língua estrangeira moderna**. Brasília: MEC Secretaria da Educação Básica. 2002. 147-153

_____. **Orientações Curriculares Nacionais para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias: Conhecimento de Línguas Estrangeiras**. Vol. 1, Brasília: MEC Secretaria da Educação Básica. 2006a, p. 87-124.

_____. **Orientações Curriculares Nacionais para o ensino médio:** Linguagens, códigos e suas tecnologias: Conhecimento de Espanhol. Vol. 1, Brasília: MEC Secretaria da Educação Básica. 2006b, p. 125-164.

CHIAPPINI, Lígia. **Reinvenção da catedral:** língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino. São Paulo: Editora: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 50 ed. São Paulo: Editora Cortez. 2009.

GOMES, Carlos Magno Santos. Leitura e Estudos Culturais. **Revista Brasileira de Literatura Comparada.** Curitiba: ABRALIC. Vol. 16, 2010.

MARQUES, Reginaldo. **Literatura comparada e estudos culturais:** diálogos interdisciplinares. In: CARVALHAL, Tania Franco. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

MENESES, Vera Lúcia; Silva, Marina Moreira. Sessenta anos de Linguística Aplicada. In: PEREIRA e Pilar (Orgs). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos.** São Paulo: Contexto, 2009, p. 25-50.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma lingüística aplicada Indisciplinar.** 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In PEREIRA e PILAR (orgs.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos.** São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-24.

OLÁBARRI, Ignacio. La resurrección de Mnemósine: historia, memoria, identidad. In: OLÁBARRI, Ignacio & CAPISTEGUI, Francisco Javier (orgs). **La nueva historia cultural: La influencia del postestructuralismo y el auge de la interdisciplinaridad.** Madrid: Editorial Complutense, 1996, p. 145-173.

PARAQUETT, Marcia. **Lingüística Aplicada, inclusión social y aprendizaje de español en contexto latinoamericano.** Revista Nebrija de Lingüística Aplicada, 2009, 6 (3), p. 1-23.

PENNYCOOK, Alastair. Uma Lingüística Aplicada Transgressiva. IN: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma lingüística aplicada Indisciplinar.** 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Repensar o papel da Lingüística Aplicada. IN: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma lingüística aplicada Indisciplinar.** 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2006.

RESENDE, Beatriz. Os estudos Culturais e a Política dos Saberes. In: GUINSBURG, J & BARBOSA, Ana Mae.(orgs.) **O pós-modernismo.** São Paulo: Perspectivas, 2005, p. 247-257

TINOCO, Robson Coelho. **Leitor real e teoria da recepção:** travessias contemporâneas. São Paulo: Editora Horizonte, 2010, p. 24-57.

Recebido: 11/07/2012

Aceito: 10/08/2012